

ILUSTRADORA. COLABORAÇÃO COM MUSEU AMERICANO

A pintora que ajuda a ciência

Diana Marques vai desenhar 40 traças em Washington. Será a primeira portuguesa a trabalhar no maior museu de insectos do mundo

ABÍLIO RIBEIRO

Os insectos estão à espera dela em Washington. A partir de Junho, Diana Marques, 26 anos, vai trabalhar com 40 novas espécies de microtraças. Promete tirar-lhes as medidas, analisá-las ao microscópio e fazer um retrato fiel. Não é um castigo, é um prémio. A ilustradora científica, que já conta com 200 desenhos no currículo, será a primeira portuguesa a colaborar com o Museu de História Natural da Smithsonian Institution, Estados Unidos, onde estão concentradas as sumidades da área de entomologia, estudo dos insectos.

Durante sete meses, das nove da manhã às seis da tarde, Diana Marques só vai ter olhos para estas espécies minúsculas que acabam de ser descobertas. O trabalho pede muita paciência e rigor, porque as microtraças nunca foram ilustradas. Diana está a desbravar caminho. "São insectos do grupo das borboletas e alguns não são visíveis a olho nu", diz à SÁBADO.

OS PERITOS AMERICANOS podem perder-se em descrições alongadas sobre os novos insectos, mas os desenhos de Diana Marques é que vão mostrar à comunidade científica a dimensão do achado. "Os desenhos funcionam como uma espécie de mapa, com uma escala associada, permitindo mostrar todos os detalhes físicos dos insectos", explica a ilustradora.

Diana está lançada. O nome e a obra dela vão circular nos livros editados pelo museu, no início de 2007, e em revistas norte-americanas sobre entomologia. Mas na fase de estudo serão os 15 cientistas americanos a

Diana Marques vai passar sete meses a desenhar microtraças nos Estados Unidos

dar-lhe as coordenadas. Todas as manhãs, Diana Marques terá de se reunir com os entomólogos. "Serão eles a decidir aquilo que é realmente importante realçar na ilustração dos insectos, como a posição mais correcta", explica. Com os dados na mão, a artista segue para o laboratório, onde analisa as traças num aparelho semelhante a um microscópio.

Depois vem a parte melhor: passar tudo para o papel no ateliê. Cada ilustração demora, em média, 20 a 30 horas e segue várias etapas. Primeiro define-se a posição, a forma e o tamanho do insecto; a seguir fazem-se os esboços a aparo e lápis; e por fim avança-se para a pintura com aguarela, guache ou tinta-da-china. Esta fase – talvez a mais complicada – implica a utilização de papel normal e de aguarela, assim como de pincéis de vários tamanhos. Os desenhos são digitalizados e trabalhados em computador, de forma a corrigir algumas cores e contrastes.

Foi por acaso que Diana tropeçou neste projecto. Em Novembro de 2004, foi ao museu de Washington para falar com um ilustrador que conhecia de outras paragens. O encontro não podia ter cor-



Colibris mais comuns da Califórnia, Estados Unidos

Técnica de pintura Aquarela sobre papel de aquarela

Onde vai aparecer Em revistas especializadas na área de entomologia (estudo de insectos)

Tempo de execução Entre 20 a 40 horas

Ano do desenho 2004

rido melhor: o colega mostrou o seu portefólio a um cientista, que aplaudiu a obra. Trocaram contactos e Diana começou a colaborar esporadicamente em pequenos

projectos do museu.

O já referido Museu de História Natural guarda a maior colecção de insectos do mundo – cerca de 33 milhões –, iniciada em 1881. E não só, tem uma equipa consistente de 15 entomólogos (sem contar com os colaboradores) e serviu de rampa de lançamento para vários ilustradores científicos. “Esta instituição foi o berço dos ilustradores. Foi lá que começou a verdadeira profissionalização na área”, conta Diana Marques.

A artista já tem em vista outro projecto: a tradução de parte da obra de um naturalista francês do século XIX, cujo nome prefere não divulgar. “Trata-se de um autor que, mesmo sem habilitações académicas,

aprofundou e registou pequenas histórias nos seus estudos e observações sobre insectos. Por agora, prefiro só levantar essa pontinha do véu”, refere. As revelações estão marcadas para Julho, altura em que participará em dois congressos – um sobre ilustração científica e outro sobre caligrafia.

ATÉ JUNHO, FICARÁ por Lisboa a dar aulas na Faculdade de Belas-Artes (ESBAL). É aí que ensina ilustração a 15 alunos do curso de Ilustração Científica Digital. Foi no liceu que viu despertar o gosto pelo desenho, como aconteceu aos que hoje são seus alunos. Na altura de ir para a faculdade, Diana ainda hesitou entre ciências e artes. Mas acabou por conciliar as duas coisas. “Quando estava no 2.º ano de Biologia, inscrevi-me num curso

Cada ilustração demora 30 horas. Diana pinta a guache, aquarela e tinta-da-china

de Ilustração Científica. A partir daí fui aperfeiçoando as várias técnicas.”

Diana não se contenta com as escolas nacionais. Desde 2003 que vai acumulando cursos na Austrália e nos Estados Unidos. Agora regressa à América para mostrar o que sabe. ■

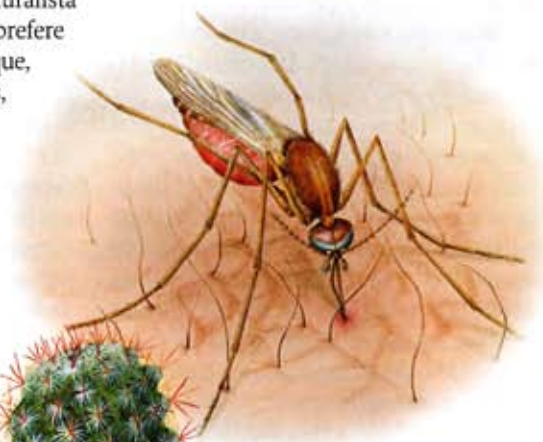
Cactos da espécie Mamillaria

Técnica de pintura Guache sobre papel de aquarela

Onde vai aparecer Em revistas científicas

Tempo de execução Entre 20 a 40 horas

Ano do desenho 2004



Mosquitos da Califórnia

Técnica de pintura Aquarela sobre papel de aquarela

Onde apareceu Na revista *Bay Nature* em 2004

Tempo de execução 30 horas

Ano do desenho 2004